



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

HUNBE, CANDOMBLÉ E RESISTÊNCIA

Elaine Di Carlantonio Carvalho /Graduanda em Pedagogia/ UERJ, Membro do Grupo de Pesquisa Kékeré/UERJ

O presente trabalho é fruto da minha pesquisa de monografia, ainda em curso, para o curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O objetivo principal desta comunicação é compreender as dinâmicas do racismo religioso em diferentes épocas, assim como as estratégias de resistência desenvolvidas por alguns membros, com diferentes idades cronológicas e iniciáticas, do *Ilé Àṣẹ Àiyé Obálúwàiyé*. O referido terreiro de candomblé, localizado em Pedra de Guaratiba, zona oeste do Rio de Janeiro, é frequentado por mim há 21 anos e se tornou também meu campo de pesquisa. Os interlocutores são sujeitos reais e membros da comunidade mencionada.

Neste trabalho os termos em ioruba serão grafados em itálico, pois há uma percepção deste idioma como algo que extrapola a dimensão da língua falada e escrita e de meros códigos de comunicação. O professor e sacerdote Márcio de Jagun reforça que nos terreiros de Candomblé nagô e jêje-nagô o idioma ioruba se torna “oficial”, servindo como linguagem de homens, divindades, culturas, ritmos, modos de fazer e agir. O ioruba é considerado patrimônio imaterial no Estado do Rio de Janeiro e na cidade de Salvador, como forma de respeito à língua e ao legado de um povo será trazida a escrita correta, pois *“cada vez que uma palavra é escrita originalmente em ioruba, brotam do texto ecos da memória, personagens da história e esperança em forma de letras.”* (JAGUN, 2021, p. 61)

Os terreiros foram institucionalizados, segundo Parés (2008), ao longo do século XIX e se consolidaram como locais de resistência, manutenção de saberes e muito afeto. Quando alguém disponibiliza o seu tempo para ensinar, os outros sentam ao redor para ouvir e aprender. A oralidade é a nossa maior ferramenta e por meio da fala é possível não apenas se comunicar, mas perpetuar a própria cultura, mantendo vivas e presentes as memórias e os ensinamentos ancestrais. Há um importante provérbio iorubano bastante utilizado por nossos mais velhos e nossas mais velhas que



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

menciona a possibilidade de nos levantarmos para ensinar somente após termos nos sentado para aprender. Para o *bàbálóriṣà* e professor Márcio de Jagun,

Os terreiros de Candomblé são assim, "espaçostempos" – espaços de resistência cultural. Onde se canta, dança, louva e, mesmo nos momentos de lazer, se vivifica uma cultura africana que tentaram apagar, mas não conseguiram. Nos terreiros, rindo, brincando, ou rezando, tudo é motivo de troca, de aprendizado, de resgate do passado e de construção de futuro. Os terreiros, são o espaço onde esses tempos se encontram. (JAGUN, 2021, p. 28)

“Na minha época não era assim!”: diálogos para o enfrentamento ao racismo religioso

A frase que contextualiza o subtítulo foi dita pela *Egbon* Geni num diálogo com o *Ògán* Michael, dois dos interlocutores da pesquisa. A conversa foi observada por mim a partir de uma cena cotidiana nas casas de candomblé. As duas pessoas mencionadas conversavam em uma das varandas do terreiro enquanto organizavam alguns dos preparativos para a festividade que aconteceria no dia seguinte. Toda a comunidade se mobilizava para a arrumação e limpeza do espaço. Dona Geni é carinhosamente chamada de Mãe por ser uma *Egbon*, título conferido às pessoas que atingem à maioria dentro do culto. Ela é uma senhora negra de 80 anos de cabelos crespos, curtos e bem grisalhos. Sua baixa estatura e compleição física aparentam uma fragilidade que logo é refutada quando a matriarca desempenha com destreza suas atividades mais recorrentes, como cozinhar na lenha e preparar goma para as roupas utilizadas nas cerimônias públicas. Michael é um homem negro de 28 anos de idade e *Ògán*, cargo masculino conferido aos membros da orquestra ritual do candomblé, posto de muitas honrarias e prestígio. A conversa, portanto, era entre duas pessoas cuja posição na hierarquia do culto é elevada.

Era um dia nublado e frio. Mãe Geni e Pai Michael conversavam enquanto a senhora preparava uma suculenta feijoada e recebia ajuda do *Ògán* com o manuseio da lenha e da panela pesada e quente. Eis que reparo mais atentamente a conversa dos dois. “Na minha época não era assim” disse Dona Geni dando uma baita lição no rapaz, que



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

mesmo hierarquicamente sendo mais velho, a ouvia respeitosamente e com atenção. Todos riram, pois, seu jeito cativante, até nas broncas, era doce. Muito curiosa quis ouvir como era “na sua época” então a indaguei, queria ouvir mais histórias, e ali fiquei sentada por horas, sem me dar conta do tempo e refletindo sobre as diferentes épocas do candomblé e seus desafios.

O diálogo acima ocorreu após Michael compartilhar sua indignação por ter sofrido racismo religioso. O *Ògán* relatou que tinha ido ao mercado do bairro comprar as coisas que estavam faltando para a festividade, e que ao adentrar no estabelecimento trajado com as suas vestes litúrgicas e com o seu fio-de-contas para fora da roupa ouviu palavras como “tá repreendido” e “Deus seja louvado”. O que mais o surpreendeu foi o som da rádio do mercado tocando louvor em um volume relevante. Michael sentiu-se constrangido e saiu do estabelecimento. Mãe Geni disse ao rapaz que na sua época não era assim porque a mesma não iria à rua com os seus trajes litúrgicos e os seus fios-de-contas eram colocados por dentro das suas vestes, assim os perseguidores não a enxergavam. Todos que estavam no local comoveram-se com os relatos.

Os relatos apresentados fazem-nos observar, refletir e questionar as mudanças e adequações que os terreiros e os seus adeptos tiveram que sofrer ao decorrer do tempo como forma de resistência e sobrevivência. Experienciar as religiões de matrizes africanas em diferentes épocas significa resistir de formas diferentes aos ataques racistas sofridos por ambos? Os desafios fora dos muros do terreiro são os mesmos? Essas são algumas questões que orientam o presente trabalho. Nesse sentido, fica a reflexão acerca das diferentes estratégias que os terreiros e os seus membros foram obrigados a realizar no decorrer do tempo para manterem viva a sua ancestralidade em meio a uma sociedade racista, excludente e herdeira do escravismo.

A oralidade nos revela que a repressão sempre existiu desde o cativo, passando pelo império – que estabeleceu em sua constituição o catolicismo como religião oficial do Brasil -, se intensificando no Estado Novo (1937-1945) e na Ditadura Militar (1964-1985) e chegando até os dias atuais. Os algozes foram modificando suas ferramentas de opressão. Um estudo realizado pela Pontifícia Universidade Católica do



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Rio de Janeiro e organizado pelas professoras Denise Pini Rosalem da Fonseca e Sonia Maria Giacomini (2013) buscou mapear e quantificar a presença de comunidades tradicionais de matrizes africanas no estado do Rio de Janeiro. Ao longo do trabalho foi constatado que as principais estratégias utilizadas pelo neopentecostalismo são estarrecedoras, como: denúncias para os órgãos competentes sobre supostas irregularidades nas construções dos terreiros; realização de cultos nos mesmos dias e horários das celebrações e funções nos terreiros; uso de potentes caixas de som para tentar abafar os cânticos de atabaques de matrizes africanas, entre outras coisas. Podemos concluir, portanto, que a violência sofrida pelo *Ògán Michael* se insere numa densa rede de estratégias para a propagação da intolerância e dos discursos de ódio. Quais os ensinamentos deixados pelos ancestrais dessas comunidades para escapar das perseguições?

Hunbe: o código de conduta dos candomblés

A filósofa Katuscia Ribeiro afirma em texto publicado na *Le Monde Brasil*¹, em 2020, que “o futuro é ancestral”. Ao longo do artigo a Doutora em Filosofia Africana sugere que a ideia de ancestralidade permite a tentativa de um viver digno a partir de experiências de organização e atuação que se baseiam em memórias ancestrais. Refazer percursos e estratégias é o caminho defendido pela autora para a sobrevivência dos sujeitos negros, assim como seus territórios, religiosidades e culturas, na diáspora. As religiões de matrizes africanas possuem um conjunto de práticas rituais e comportamentais que compõem a chamada “educação de axé”.

As normas e condutas que permeiam os terreiros de candomblé são conhecidas como *hunbe*, elas servem para orientar os membros a se comportarem de forma individual e coletiva. Os conhecimentos ancestrais auxiliam aos tabus comportamentais. Cada casa de candomblé tem as suas regras, porém, fixo a minha pesquisa nas normas

¹ <https://diplomatie.org.br/o-futuro-e-ancestral/>



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

sociais orientadoras do *Ilé Àṣẹ Àiyé Obalúwáiyé*. Este terreiro descende do *Ilé Òsùmàrè Aràkà Àṣẹ Ògòdó*, uma das casas matrizes do candomblé brasileiro cujo funcionamento data de quase 200 anos. A Casa de Oxumarê, como também é conhecida, possui aproximadamente 120 mandamentos documentados² que fazem parte dos cotidianos desta comunidade há gerações. É válido ressaltar que para além do que está documentado em livros ou pesquisas acadêmicas o saber experiencial adquirido no convívio com os mais velhos e mais velhas é a base para a transmissão dos ensinamentos nos terreiros.

Recentemente fui procurada pela Lua, mãe biológica da Sofia (16 anos), *iyàwó*³ de *Òsún*⁴ do *Ilé Asé Adájá Ogun Ajá*, terreiro descendente do *Ilé Àṣẹ Àiyé Obalúwáiyé* e também localizado na região de Guaratiba. Sofia tem sido vítima de constantes ataques na escola por ser do candomblé. Hostilidades disfarçadas de “brincadeiras”, deboche com os nomes de divindades do candomblé e empurrões têm marcado a rotina de Sofia na escola. A jovem relatou que até cuspir no chão quando ela passa já aconteceu. Lua e sua filha já procuraram a coordenação e direção da escola e nenhuma providência foi tomada. Sofia relatou que já pensou em reagir com violência para tentar se defender. Ao descobrir que todas essas violências estão acontecendo na mesma onde estudei, fui atormentada por fantasmas do passado.

Ao ouvir o nome da escola os meus olhos se encheram de lágrimas, e senti um frio na barriga. A sensação era de pavor, pois era a mesma escola que há 20 anos atrás eu tinha estudado e sofrido os mesmos ataques. O dia seguiu pesado e angustiante. As violências sofridas por mim e pela Sofia se somam às denúncias feitas por inúmeras crianças e jovens de terreiro que afirmam que a escola é o lugar mais cruel para elas. Os Estudos com Crianças de Terreiro (CAPUTO, 2012, 2018, 2020) denunciam há pelo menos 30 anos a escola como um lugar de violência para as crianças e jovens de terreiro.

² Parte desses (registros) podem ser encontrados na obra “Ewé a chave do portal” de Márcio de Jagun (2019).

³ Representa as pessoas que foram iniciadas no candomblé que ainda não atingiram a maioridade.

⁴ Divindade feminina das águas doces, associada ao ouro, à fertilidade e à intuição.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Na mesma época dos relatos feitos por Lua e Sofia a atividade proposta na escola particular onde trabalho era a leitura da obra “Odisséia”, um clássico da literatura ocidental. Após a leitura de contos de deuses do Olimpo como Zeus, Afrodite, Atena e Apolo, percebi que não havia espaço para outras narrativas fora de uma lógica europeia e ocidental. Lá os alunos não podem saber da minha pertença religiosa e provavelmente não terão contato com outras culturas. Dificilmente conhecerão Esú fora de uma moldura de demonização. O autor nos revela que em uma cantiga de candomblé Esú diz que crianças aprendem a louvá-lo na escola:

*A ji kí Bárábó
Àgo mojuba
Àwa kò se
A jí kí Bárábó,
Àgo mojuba
E Omodé
Kó Èkó
E Bárábó
Àgò Mojúbà
Elégbára
Èsù lónà*

Nós acordamos e cumprimentamos
Bárábó
licença!
Eu o respeito
Não nos faça mal
Nós acordamos e cumprimentamos
Bárábó, licença!
Eu o respeito!
A criança aprende e ensina na escola
Eh Bárábó, lhe peço
licença!
Eu o respeito! Senhor da força interior
Èsù, Senhor dos Caminhos. (JAGUN, 2021, p.81)

Os fatos trazidos nesta problematização denunciam uma mazela crônica e cotidiana em nossa sociedade: o racismo. As crianças não nascem racistas e



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

preconceituosas, elas aprendem esses conceitos, revelando bases familiares e escolares adoecidas. Assim o racismo herdado do colonialismo é explícito também nas discriminações dos objetos simbólicos de quem o pensamento colonizador tenta submeter, das crenças, danças, comidas, visões de mundo, formas de celebrar a vida, enterrar os mortos e educar as crianças, como nos ensinam Lopes e Simas (2023).

A memória é algo que perpassa os vivos e não vivos. Sobre as barreiras impostas pelo tempo corroboro o pensamento do autor que afirma: “*a memória marca, decalca, tatua*” (JAGUN, 2021, p.83). Há um provérbio africano que nos faz refletir ao afirmar que quando algo é esquecido não é proibido voltar atrás e reconstruir. Desse modo, entendemos que as condutas que são ensinadas no *Ilé Òsùmàrè Aràkà Àṣẹ Ògòdó* são transmitidas há mais de 190 anos, ultrapassando gerações e direcionando os seus adeptos até os dias atuais.

De acordo com as tradições desta comunidade, o *Hunbe* serve para “afastar” os *Ajogun*, espíritos ruins que propagam a negatividade e inibem virtudes. São eles: *Ikú*: a morte; *Àrùn*: a doença; *Òfò*: a avareza; *Ègbà*: o ócio; *Òràn*: o problema; *Èpè*: a maldição; *Èwòn*: a prisão; *Èse*: a aflição. No entanto, é válido ressaltar que o referido código de conduta não se aplica exclusivamente aos aspectos da vida no terreiro. Orientações como não gastar todo o dinheiro que se ganha, não se sentar de costas para a rua, evitar o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e não propagar inverdades, são exemplos de como se comportar com ética e retidão também fora dos muros do terreiro. Guardar dinheiro, se sentar em segurança percebendo o entorno, quem chega e quem sai, não perder a consciência em decorrência da embriaguez, por exemplo, são ensinamentos aprendidos nas casas de santo mas que podem aumentar as chances de sobrevivência numa sociedade que odeia sujeitos negros e suas subjetividades.

É grande o número de ataques que as religiões de matriz africana sofrem. Uma pesquisa publicada pela UNESCO em 2023, demonstra que essas práticas religiosas são as que mais sofrem com crimes desta natureza no Brasil. Contra elas, foram registrados 86 casos em 2020. Em 2021, as notificações contra religiões de matriz africana



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

criaram acima de 270%, chegando a 244 casos⁵. Infelizmente os dados apresentados revelam que casos como o do *Ògán* Michael e da *iyàwó* Sofia não são isolados e podem ser observados em diversos ambientes, como transporte público, estabelecimentos comerciais, locais de trabalho e escolas. Até quando?

Referências

CAPUTO, Stela Guedes. *Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CAPUTO, Stela Guedes. Reparar miúdo, narrar Kékeré: notas sobre nossa fotoetnopoética com crianças de terreiros. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 53, p. 36-63, abr./jun., 2018a.

CAPUTO, Stela Guedes. “As crianças de terreiro somos nós, as importantes”: mais algumas questões sobre os Estudos com Crianças de Terreiros. *Revista de Educação e Cultura Contemporânea*. PPGC/UNESA. Rio de Janeiro, v. 17, n. 48, p. 383-407, 2020.

FONSECA, Denise Pini Rosalem da, GIACOMINI, Sônia Maria. *Presença do Axé: mapeando terreiros no Rio de Janeiro* – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013.

JAGUN, Márcio de. *Orí: a cabeça como divindade*. Rio de Janeiro: Litteris, 2015.

JAGUN, Márcio de. *Yorùbá: vocabulário temático do candomblé*. Rio de Janeiro: Litteris, 2017.

LOPES, Nei e SIMAS, Luiz Antonio. *Filosofias Africanas: uma introdução* – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

PARÉS, Luis Nicolau. *A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

⁵ Dados disponíveis em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000384250>